

Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> © 2 de Breno Henrique Ferreira Batista; Gabriela Barbosa

Rodrigues Pellegrina; Isabelle Talarico; Lorena Bavlioni; Luiza Pellegrini; Vinicius Cardoso



BY

NC

A cultura de massa e as revoluções industriais

Índice

2 Linha do tempo

4 Editorial

7 Um retrato da segunda revolução industrial

10 Evolução da comunicação, expansão da massificação

13 Eu, etiqueta: o consumismo, a cultura e as revoluções

17 Bibliografia

18 Os Autores e Agradecimentos

Linha do tempo

1ª Revolução industrial

1750-1850



Início do processo de industrialização na Inglaterra, com destaque para a indústria têxtil, a máquina a vapor e o carvão como fonte de energia. Surgimento da classe operária e do sistema fabril.

2ª Revolução industrial

1850-1950



Expansão da industrialização para outros países da Europa, Estados Unidos e Japão. Desenvolvimento de novas tecnologias, como a lâmpada, o telefone, o automóvel e o avião. Uso do petróleo e da eletricidade como fontes de energia. Crescimento do comércio internacional e do capitalismo.



3ª Revolução industrial

1950–atualidade

Avanço da ciência e da informática, com a invenção do computador, da internet, do celular e da biotecnologia. Globalização e integração econômica, social e cultural. Surgimento de novos desafios, como a poluição, o aquecimento global e as desigualdades sociais.



Cultura de massa

Século XIX e XX

Conjunto de manifestações culturais produzidas e difundidas pelos meios de comunicação de massa e tem como características a padronização, a homogeneização, a comercialização e a influência sobre o comportamento e as opiniões das pessoas.

Começou a se desenvolver no final do século XIX e início do século XX, com o surgimento dos meios de comunicação de massa e o aumento do público consumidor.

A relação entre a cultura de massa e as revoluções industriais é complexa e dinâmica. Por um lado, as revoluções industriais forneceram as condições materiais e tecnológicas para o surgimento e o desenvolvimento da cultura de massa. Por outro lado, a cultura de massa influenciou as revoluções industriais, ao estimular a demanda por novos produtos, serviços e inovações. A cultura de massa também refletiu e criticou os aspectos positivos e negativos das revoluções industriais, como o progresso, a exploração, a alienação e a resistência.

Editorial

1ª Revolução industrial

Um dos marcos históricos mais importantes para a humanidade, sendo possível ainda hoje observar seu impacto, que abriu caminho para todas as outras revoluções industriais. Desde o seu início o planeta vive um processo constante de revolução que transformou a tecnologia, a comunicação, a indústria e causou mudanças significativas na vida das pessoas.

Todo esse período de grandes transformações começou na Inglaterra, por volta de 1750, se espalhando, depois, por outros países. A principal característica dessa primeira fase foi a substituição da manufatura pela maquinofatura, ou seja, o uso de

máquinas para produzir bens em larga escala.

A máquina a vapor permitiu que produtos antes feitos de forma artesanal passassem a ser produzidos em grandes quantidades. Isso foi o motor, juntamente com outros fatores, de várias mudanças ocorridas nesse período. Um desdobramento, no entanto, merece especial atenção: se antes o trabalho artesanal permitia uma elevada personalização dos produtos, a partir da primeira revolução industrial iniciou-se um intenso processo de padronização movido pela produção em larga escala. Com esta mudança, tornou-se possível um crescimento exponencial na capacidade de produção das indústrias, favorecendo a disponibilização dos produtos fabricados a um preço mais acessível e a geração de um lucro cada vez maior para as empresas. Essa padronização, no entanto, não ficou restrita à fabricação industrial. Com o passar do tempo, até mesmo os bens culturais passaram a ser submetidos a ela.

Juntamente a isso, os empresários e donos de indústrias passaram a notar que a satisfação dos trabalhadores com sua vida e seu emprego era algo de grande importância, afetando diretamente a produtividade e o rendimento do trabalho. Desse modo, o ajuste dos salários a um valor razoável criou uma classe média consumidora. Houve também expansão das tecnologias ligadas ao cinema, à televisão e à imprensa, surgindo assim a oportunidade de criar um entretenimento de fácil acesso para essa classe de

trabalhadores, proporcionando lazer nas horas vagas e aumentando o sentimento de bem estar. Para atender a esse público, necessitava-se de uma cultura padronizada, que agradasse ao maior número de pessoas com o menor custo possível, obedecendo aos princípios capitalistas. A esta padronização da arte e do entretenimento foi dado o nome de cultura de massa.

Pode-se dizer que todas essas transformações ocorridas especialmente nos últimos dois séculos aconteceram “a todo vapor”: várias mudanças em uma velocidade nunca antes vista. É justamente essa ideia que dá nome a este e-zine. Assim, convidamos você a embarcar conosco nesta viagem pela história das revoluções industriais e da cultura de massa, explorando as suas conexões e as suas consequências para a sociedade e para a arte, com seu contexto histórico, político, social e tecnológico. Desejamos a você uma boa leitura!

— Os autores.



Um retrato da segunda revolução industrial

“Tempos Modernos”

Lançado em 1936, é considerado uma obra-prima concebida pelo cineasta e ator Charles Chaplin. A trama, de cunho satírico, destila uma crítica perspicaz à Segunda Revolução Industrial, uma vez que a mesma exemplifica a vida do operário que sofre as consequências da industrialização e mecanização do trabalho.

Essa revolução é caracterizada pelo surgimento de novas fontes energéticas como o petróleo, além do surgimento de novas indústrias como a química e a automobilística. Esses avanços propiciaram a produção em massa, padronização de produtos e a racionalização do trabalho, todos voltados ao aumento da produtividade e do lucro.



Um ícone desse sistema de produção foi o magnata norte-americano Henry Ford, idealizador do fordismo, pautado na linha de montagem, divisão laboral e controle do tempo e ritmo dos operários. A obra de Chaplin, ilustra de maneira contundente os efeitos desse sistema sobre os trabalhadores, que acabam se tornando alienados, explorados e dispensáveis. Uma das cenas

mais icônicas do filme retrata o protagonista desenvolvendo o que hoje se chama de Lesões por Esforços Repetitivos (LER), após fazer as mesmas funções e movimentos dia após dia na sua jornada de trabalho. Ele enfrenta diversas mazelas sociais até que encontra companhia em uma jovem órfã, que também compartilha o fardo da exclusão social. Juntos, buscam sobreviver e encontrar momentos de alegria em meio ao caos da modernidade.

A produção cinematográfica mostra como a arte pode ser reflexiva e crítica diante da realidade histórica, ao mesmo tempo em que cativa e emociona o público. "Tempos Modernos" emerge como um clássico cinematográfico que dialoga com a cultura de massa, entendida como a produção e consumo em larga escala de bens culturais viabilizados pelos meios de comunicação de massa, como rádio, cinema e televisão.

Este fenômeno cultural, intrínseco à industrialização, exerce influência na formação de opinião, valores e comportamentos das massas. Algumas correntes críticas, como a Escola de Frankfurt, encaram a cultura de massa como instrumento de manipulação e alienação em prol dos interesses do capitalismo e da ideologia dominante. Assim, a obra pode ser encarada tanto como produto quanto como crítica à cultura de massa, visto que faz uso dos recursos cinematográficos como um meio de comunicação de massa,

alcançando um vasto público e também denuncia contradições e injustiças da sociedade industrial, que gera riqueza para poucos e miséria para muitos, impondo um estilo de vida padronizado e desumanizado.

Deste modo, o filme nos convoca a ponderar sobre o passado, presente e futuro da humanidade, confrontando os desafios e possibilidades de se construir um mundo mais justo, democrático e feliz.



THAVES, Bob. Tirinha de Frank e Ernest.



Evolução da comunicação, expansão da massificação

3ª Revolução industrial

A Revolução Industrial trouxe uma aceleração notável nas áreas de telecomunicações, informática, automação e engenharia robótica. A criação dos computadores se destaca como um divisor de águas, proporcionando não apenas maior velocidade nas comunicações, mas também revolucionando a troca e o armazenamento de informações. Estes avanços tecnológicos, que formam a espinha dorsal da Terceira Revolução Industrial, têm moldado profundamente as interações sociais e a disseminação do conhecimento.

Um desdobramento fundamental dessa revolução é a capacidade de produção em massa de bens culturais. Livros, filmes, músicas e programas de televisão tornaram-se mais acessíveis e financeiramente viáveis para o público em geral. Desta forma houve uma democratização do acesso à cultura em geral. A rápida transmissão de informações e a interação global estimulada pelos avanços tecnológicos reduziram drasticamente as barreiras temporais e geográficas. Essa conectividade global transformou as relações sociais, permitindo interações instantâneas entre pessoas de diferentes partes do mundo. O conhecimento desenvolveu-se de forma acelerada, criando uma rede global de informações e experiências.

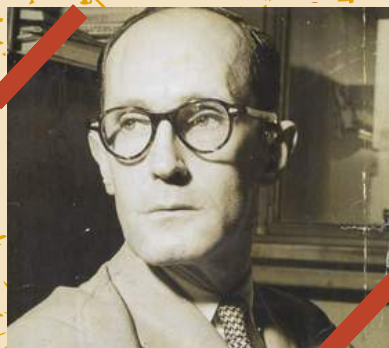
No entanto, é imperativo abordar as implicações críticas dessa revolução. A diminuição da autonomia individual em face do consumo excessivo de meios de comunicação de massa e da crescente influência das redes sociais. A ascensão desses meios resulta em uma programação involuntária, moldando comportamentos e perspectivas de maneiras que nem sempre são benéficas para o indivíduo e a sociedade. Ao possibilitar uma comunicação global instantânea, contribuiu para a formação de comunidades virtuais, nas quais as fronteiras geográficas se tornaram irrelevantes. Essa nova forma de interação moldou identidades culturais híbridas e desafiou noções tradicionais de pertencimento.

Após essa terceira revolução, a evolução dos meios de comunicação trouxe à tona também a evolução da propaganda, podendo essa agora ser feita de forma mais rápida e com maior alcance, com a ascensão das redes sociais. Não só presente mais na televisão e no rádio, mas agora também através dos computadores, sendo esta mais uma forma de atingir o consumidor final. Além disso, as redes sociais criaram assim a produção de dados, informações a cerca de seus usuários, as quais podem e são utilizadas desde então pela indústria para direcionar sua produção e desta forma aumentar a taxa de compra dos consumidores aos seus produtos.

Assim como a evolução dos meios de comunicação eliminou as barreiras geográficas e temporais na formação de comunidades virtuais, a massificação da sociedade também teve suas barreiras quebradas, se expandindo nessas comunidades não somente através de produtos, mas também através de opiniões, vide que é muito mais simples encontrar pessoas com opiniões semelhantes dentro da internet. Portanto, a indústria cultural e a cultura de massa sofrem uma expansão advinda da evolução gerada pela terceira revolução industrial, ganhando espaços que se mantêm até os dias atuais.



Eu, etiqueta: o consumismo, a cultura e as revoluções



O poema “Eu, etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, pertence à coletânea “O Corpo”, publicada em 1984. A obra é uma crítica à sociedade contemporânea e ao seu

modo consumista de viver. O eu-lírico se apresenta como um “homem-anúncio”, que perdeu sua identidade e sua capacidade de escolha, e se tornou um objeto que exhibe marcas e produtos que não correspondem à sua essência. Ele denuncia a submissão da arte e da cultura aos interesses do capitalismo e da manipulação das massas.

**”Estou, estou na moda.
É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade”**

“Eu, etiqueta” é uma produção artística que retrata com maestria os diversos efeitos que a cultura de massa causou na sociedade atual. No mundo contemporâneo, é quase que obrigatório, muitas vezes, se encaixar em um padrão. Esse padrão permeia vários aspectos das nossas vidas: desde vestimentas e alimentação até os bens culturais que consumimos, como músicas e filmes.

Como diz o eu-lírico, para andarmos na moda, acabamos negando nossa identidade.

Embora o poema trate com maior ênfase os bens de consumo, pode-se estabelecer uma conexão com a chamada Escola de Frankfurt, sobretudo no conceito de indústria cultural, desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para eles, a indústria cultural era o conjunto de meios de comunicação de massa (como cinema, rádio, televisão, jornais, revistas, etc.) que produzia e difundia uma cultura padronizada, alienante e manipuladora, com o intuito de manter a dominação da classe burguesa sobre as massas. A indústria cultural criava uma falsa consciência nos indivíduos, impedindo-os de questionar a realidade e de desenvolver sua capacidade crítica. A arte, que deveria ser uma forma de expressão, tornava-se mercadoria e um instrumento de reprodução da ideologia dominante.

**”Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.”**

Com certeza muitos irão pensar: “Mas eu escolho as coisas que eu uso ou consumo”. Para Adorno e Horkheimer, no entanto, a escolha dos indivíduos é ilusória, pois eles são condicionados a preferir os produtos e os valores que a indústria cultural impõe. Por outro lado, outros pensadores da mesma Escola, como Benjamin e Habermas, argumentam que os indivíduos

podem ter alguma margem de escolha, mas não de forma absoluta. De qualquer modo, como retratado no poema, todo esse sistema de consumo causa uma “desumanização”, as pessoas deixam de ser propriamente humanas para serem apenas consumidoras, ou mesmo para serem apenas produtos.

Como visto ao longo deste e-zine, as revoluções industriais permitiram a produção em larga escala de bens culturais, como livros, jornais, revistas, filmes, músicas, etc., que passaram a ser consumidos por um grande público. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio, o cinema e a internet, esses bens culturais passaram a ser difundidos de forma padronizada e homogênea, visando o lucro e o entretenimento das massas.

Tendo consciência de que esse fenômeno permeia toda a sociedade atual, é preciso pensar em alternativas aos bens que são promovidos em forma de cultura de massa. Existem diferentes formas de se contrapor à indústria cultural, que dependem da postura crítica e criativa dos indivíduos e dos grupos sociais. Talvez uma das formas mais relevantes de fazer isso seja conhecer e valorizar as manifestações culturais locais, regionais e nacionais, que expressam a diversidade e a identidade dos povos.



Assim, quando se considera especificamente o contexto brasileiro, por exemplo, é possível verificar que há uma imensa diversidade na cultura de cada região. Algumas estratégias para valorizar essas culturas incluem visitar museus, exposições, feiras, festivais e outros espaços culturais que apresentam as manifestações artísticas e culturais de cada região, apreciando a sua diversidade e beleza. Além disso, pode-se experimentar e aprender sobre a culinária, a música, o folclore, as línguas e os costumes de cada localidade.

Por fim, recomendamos a leitura dessa grande obra de Carlos Drummond de Andrade, que é o poema “Eu, etiqueta”.



LINIERS, Ricardo Siri. Tirinha de Macanudo.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. Eu etiqueta. In: _____.
Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 85-87.

COLOMBO, L. O. R.; FAVOTO, T. B.; CARMO, S. N. A evolução da sociedade de consumo. *Akrópolis, Umuarama*, v. 16, n. 3, p. 143-149, Jul./Set. 2008. Disponível em:
<https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/akropolis/article/view/2462/1955>. Acesso em: 10 dez. 2023.

COUTO, E. S. et al. Da cultura de massa às interfaces na era digital. *Revista da Faced, Salvador*, n. 14, p. 105-118, Jul/dez 2008. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1185/1/2657.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2023.

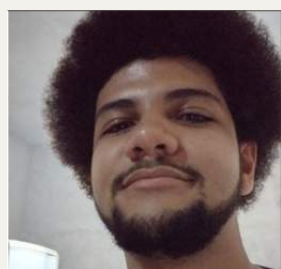
GONÇALVES, S. C. Cultura e Sociedade de Consumo: um olhar retrospecto. IN *Revista, Ribeirão Preto*, ano 3, n. 5, ed. 1, p. 18-28, 2008. Disponível em:
<https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/1357/1146>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SAKURAI, R.; ZUCHI, J. D. As revoluções industriais até a indústria 4.0. *Interface Tecnológica, Taquaritinga*, v. 15, n. 2, p. 480-491, 2018. Disponível em:
<https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/386>. Acesso em: 11 dez. 2023.

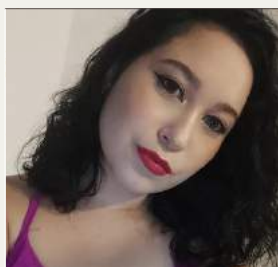
Tempos Modernos: 1936, EUA, Charles Chaplin.

WOOD JÚNIOR, T. Fordismo, Toyotismo e Volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *Revista de Administração de Empresas, São Paulo*, v. 32, n. 4, p. 6-18, Set/Out 1992. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rae/a/nYfcsD8bM6xQtCMFztp9ZDz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

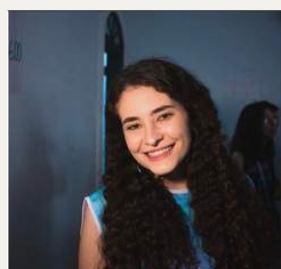
Os Autores



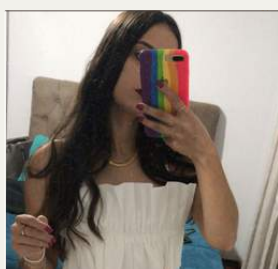
Breno Henrique



Gabriela



Isabelle



Lorena



Luíza



Vinícius

Agradecimentos

Nós da equipe “A todo vapor” gostaríamos de agradecer a oportunidade que nos foi dada de compartilhar nossas ideias e visão de mundo na execução desse projeto da disciplina de Português na Universidade Federal de São Carlos. Além de claro agradecer a você que dedicou seu tempo a ler e refletir sobre nossas ideias!

**“A desvalorização do mundo humano
aumenta em proporção direta com a
valorização do mundo das coisas”**

Karl Marx

